

Cadernos de Tradução

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 14 – Abril - Junho de 2001

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3	i-sab
OS SOBRENOMES E SEUS SUBSTITUTOS	5	i-sab
Gideon Toury		
<i>Tradução: Hedy Lorraine Hofmann</i>		
EM BUSCA DE LEIS PARA A ATUAÇÃO TRADUTÓRIA.....	19	i-sab
Gideon Toury		
<i>Tradução: Erica Foertmann Schultz</i>		
O QUE TORNA UM SPOONERISMO (IN)TRADUZÍVEL?.....	35	i-sab
Gideon Toury		
<i>Tradução: Cristiane Copetti Refinski, Fabiano Bruno Gonçalves, Gizelda Ribeiro da Silva, Guilherme Godinho Kolling, Helena Maria Roennau Lemos, Ilesca Holsbach, Jaçanã Ribeiro, Joana Jurema Silva da Silva, Letícia Ludwig Loder, Luciana Kaross, Marcela Migliavacca, Mariana Lustosa, Marli Rocha de Quadros, Natacha Enzweiler, Vinicius Nunes Menti, Vivian Karla Cunha Militão</i>		
<i>Revisão de: Éda Heloisa Pilla</i>		
A NOÇÃO DE “TRADUÇÃO PRESUMIDA”: UM CONVITE A UMA NOVA DISCUSSÃO.....	59	i-sab
Gideon Toury		
<i>Tradução: Éda Heloisa Pilla</i>		



Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

Vice-Diretora: Prof^ª. Gilda Neves da Silva Bittencourt

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Éda Heloisa Pilla

Prof^ª. Lúcia Sá Rebello

Prof^ª. Maria Lúcia Machado de Lorenci

Organizadora deste número: Prof^ª. Hedy Lorraine Hofmann

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

Os editores dos Cadernos de Tradução do ano de 2001 solicitaram aos setores do Instituto de Letras, inclusive ao Núcleo de Estudos Judaicos, propostas para um número do Caderno. Com a participação da Prof^ª. Hedy Lorraine Hofmann, o Núcleo achou interessante traduzir artigos do Professor Gideon Toury.

Teórico da Tradução de renome internacional, Toury ainda não foi traduzido para o português do Brasil. Assim, estabelecido o contato e enviados os artigos, a professora Hedy selecionou alguns e pediu a colaboração de colegas, entre os quais as professoras Erica Schultz e Éda Heloisa Pilla.

Um fato marcante sobre Toury, e que repercutiu diretamente em seus escritos é, sem dúvida, sua biografia.

Israelense, filho de alemães, mas proibido de falar alemão, foi criado em Haifa. Convivendo entre refugiados, segundo suas próprias palavras, começou a traduzir desde os seis anos de idade, embora nunca imaginasse que essa tarefa pudesse se converter numa profissão.

O serviço militar foi feito num *kibbutz*, onde logo substituiu as atividades agrícolas por tarefas intelectuais como a edição de um jornal e organização de eventos culturais.

Filho de um historiador, viveu numa atmosfera intelectualizada, onde se consumia grande quantidade de literatura em língua inglesa. Dessa língua conheceu todos os sotaques, desde os dialetos legítimos, passando pelo inglês americano, o britânico e aqueles falados por professores poloneses, turcos e de outras nacionalidades.

Envolvido com literatura, escreveu amplamente, desde histórias infantis a revistas semanais e boletins de notícias. Desistiu de ser jornalista para matricular-se no curso de Estudos Literários. Estudou, com afinco, os textos literários e hoje percebe sua ingenuidade quando lembra que tratava as palavras traduzidas para o hebraico como se fossem precisamente o que o autor queria dizer.

A introdução na Teoria da Tradução foi através de Eugene Nida. Nesse momento percebeu o que realmente queria estudar – a tradução sob uma perspectiva semântica. Seu segundo mestre foi Catford, depois Even-Zohar e mais tarde Holmes.

Nos anos setenta tornou-se um tradutor fecundo e bem sucedido, tendo traduzido para o hebraico nomes como Scott Fitzgerald, Günter Grass

Heinrich Böll, C.S.Lewis e Hemingway. Entre a vasta bibliografia dedicada aos estudos da Tradução, sua obra mais conhecida no Brasil é *Descriptive Translation Studies and beyond* (Benjamins Translation Library, 1995). Hoje, além de pesquisador e professor, sua atividade prioritária é a de editor das revistas *Target* e *TRANSST*.

Éda Heloisa Pilla

Os sobrenomes e seus substitutos*

Gideon Toury¹

Comentários Introdutórios

É um fato estabelecido que, em qualquer conjunto de circunstâncias socioculturais, corpus de nomes próprios, às vezes denominados “onomásticos” (por exemplo, Nicolaisen, 1980), com o possível acréscimo de certos mecanismos para a produção de novos nomes próprios, “bem formados” que sejam, por aquele motivo, prontamente admissíveis no “onomástico”, tendem a formar uma série de códigos onomásticos. Um dos códigos mais destacados, numa sociedade moderna, pelo menos no Ocidente, é o dos sobrenomes. Assim, numa sociedade, os sobrenomes individuais constituem textos culturais que preenchem certas necessidades daquela sociedade.

Do ponto de vista semiótico, devem ser discernidos dois aspectos dos sobrenomes: a sua função – e as representações superficiais daquelas funções em substância, que são essencialmente lingüísticas. Além disso, como no caso de qualquer outra entidade lingüística, os primeiros têm uma clara prioridade em relação aos últimos, de modo que uma e a mesma função pode sempre – e, no caso dos sobrenomes, definitivamente é – realizada por qualquer número de termos functivos (*functors*) diferentes que, por aquele motivo, são funcionalmente equivalentes e tornam o sobrenome uma forma de tipo de texto cultural (*cultural text-type*).

É precisamente esta equivalência, juntamente com a quase universalidade de muitas das funções de um sobrenome como um texto cultural (1) que constituem uma base óbvia para a possibilidade de substituir sobrenomes por sobrenomes, dentro de uma cultura bem como transversalmente através de culturas. Esses fatores, e as peculiaridades lingüísticas que são freqüentemente características dos sobrenomes (por exemplo, Blanár, 1969:87) também estabelecem os limites daquela possibilidade.

*Artigo publicado em : *Semiotic Theory and Practice* Mouton de Gruyter, Berlin- New York- Amsterdam © 1988 Walter de Gruyter & Co., Berlin-New York

¹ Cátedra M.Bernstein de Teoria da Tradução, Universidade de Tel Aviv.